

A ALEMANHA, A EUROPA E A POESIA NA OBRA DE HANS MAGNUS ENZENSBERGER

PETER HANENBERG

No âmbito do Simpósio de Culturas e Literaturas dedicado ao tema “O Valor da Interação” pareceu-me oportuno apresentar um autor alemão que, nascido em 1929, tem tido, desde os anos 50, um papel vital no debate intelectual da Alemanha. Sempre atento ao fluir das esferas de pensar e ser coevas, Hans Magnus Enzensberger tem contribuído não só para uma reflexão sobre a identidade alemã, como ainda tem chamado a atenção para o valor e significado de um estreito e intensivo intercâmbio cultural na Europa.

Um dos temas na obra de Hans Magnus Enzensberger é a chamada “Questão Alemã”, isto é, a separação das duas Alemanhas. O interesse de Enzensberger pela Reunificação Alemã é, com efeito, muito anterior à própria Reunificação. Já em 1966 Enzensberger tinha prometido uma solução pacífica para a “Questão Alemã”: “inútil”, escreve ele “é a política que se fundamenta em ilusões: esta é a política nacional do governo federal. Não é a argumentação racional, mas o peso das realidades que exige uma revisão. A guerra civil não é um negócio, mas antes o seu fim, se o capital alemão ocidental for capaz de aceitar tal conhecimento, então existem fundadas razões para um acordo pacífico.”¹

¹ “Aussichtslos ist eine Politik, die sich auf Illusionen gründet: Das ist die Deutschlandpolitik der Bundesregierung. Nicht die vernünftige Argumentation, sondern das Gewicht der Realitäten wird ihre Revision erzwingen. Der Bürgerkrieg ist kein Geschäft, sondern dessen Ende, wenn anders das westdeutsche Kapital zu dieser Einsicht fähig ist, besteht begründete Aussicht auf einen friedlichen Ausgleich.” “Katechismus zur deutschen Frage” in *Kursbuch 4* (1966), p. 49. Enzensberger escreveu este ensaio em colaboração com Walter Euchner, Gert Schäfer e Dieter Senghaas.

As traduções dos textos de Enzensberger são da nossa autoria. Da vasta obra de Enzensberger encontram-se publicados (e esgotados) em Portugal o ensaio *Anatomia Social do Crime*, Lisboa, 1968, e duas antologias de poemas, nomeadamente *Poemas*

Na altura em que Enzensberger projecta o seu “Catecismo sobre a Questão Alemã”, a política de Willy Brandt referente ao bloco oriental e a *Glasnost* de Gorbatschow ainda estavam muito longe. Segundo Enzensberger “de acordo com a sua estrutura, o problema alemão é um anacronismo, um conflito especialmente complicado e permanente, desde há muito arrastado, vindo da Guerra Fria”.² Defendendo esta opinião, o autor antecipou-se, de facto, aos acontecimentos reais e históricos, pois, só vinte anos mais tarde é que o anacronismo seria comprovado e acabaria por se render ao “peso das realidades”.

As previsões são, de igual modo, pressagiadoras no que tange as consequências da Reunificação Alemã, que Enzensberger formulava já dois anos antes da Queda do Muro na sua fictícia relação de viagem do futuro ano 2006.³ Assim, já em 1987 este autor descrevia imagens que iriam andar pelo mundo: “a destruição dos muros de betão, o desmantelamento das barreiras, os bulldozer, as cabinas destruídas da alfândega”,⁴ em suma, o fenómeno da Queda do Muro, fenómeno este que, como sabemos, ainda se faria esperar dois anos.

Nesta sua relação de viagem lê-se: “Facto é que os alemães não se entendem uns com os outros. Ossies e Wessies – é como cão e gato!”⁵ E, mais à frente, escreve: “‘O Wessie [isto é o cidadão da Alemanha Federal] agarra-se à sua burguesia mundial tipo Lufthansa. Pelo contrário o Ossie [isto é o cidadão da Ex-Alemanha Democrática] é moralmente o maior, como se fosse, automaticamente, imune contra tudo o que se chame decadência, corrupção ou cinismo. Numa só palavra: cada um deles sente-se bem superior em relação ao outro.’ ‘É a Reunificação?’ ‘para além de café e bolos, nada aconteceu.’”⁶ Poderá parecer

Políticos, Lisboa, 1975, traduzidos por Almeida Faria, e *Vinte e Três Poemas de H. M. Enzensberger*, Porto, 1980, na versão portuguesa de Vasco Graça Moura.

² “Seiner Struktur nach ist das Deutschland-Problem ein Anachronismus, ein besonders komplexer, lang verschleppter, überständiger Streitfall aus der Zeit des Kalten Krieges.” Ibidem, p. 2.

³ Hans Magnus Enzensberger, “Böhmen am Meer von Timothy Taylor (The New Yorker, 21. Februar 2006)” in Hans Magnus Enzensberger, *Ach Europa! Wahrnehmungen aus sieben Ländern. Mit einem Epilog aus dem Jahre 2006*, Frankfurt M., 1987, pp. 449-500.

⁴ “[...] die Sprengung der Betonhindernisse, die Demontage der Schranken, die Bulldozer, die abgerissenen Zollbudten”. Ibidem, p. 468.

⁵ “[...] daß die Deutschen einander nicht ausstehen können. Ossies und Wessies - das ist wie Hund und Katze!” Ibidem, p. 472.

⁶ “Der Wessie schwört auf sein Lufthansa-Weltbürgertum. Dafür ist der Ossie moralisch allemal der Größte, so, als wäre er automatisch immun gegen alles, was

profecia o que Enzensberger nos relata sobre a Alemanha reunida ainda antes da Queda do Muro. Mas Enzensberger não é, naturalmente, nenhum profeta. Estas reflexões a que deu o título “Böhmen am Meer” (A Boémia junto ao mar) não são nem um programa político nem uma utopia em sentido visionário. São esboços, perspectivas e esboços que, não se limitando ao que já existe, procuram descrever adequadamente a realidade.

O texto “Böhmen am Meer”, que veio a lume no livro *Ach Europa!* (Ó Europa!),⁷ testemunha os propósitos de Enzensberger nos anos 80: não se trata de uma visão da Reunificação Alemã, mas sim do futuro da Europa. O grande tema literário de Enzensberger não é, pois, a Alemanha, mas a Europa. É o estreito e particular relacionamento entre as realidades físicas e humanas e as suas possibilidades de acção que Enzensberger aborda no livro intitulado *Ach Europa!* Precisamente quando os sonhos mais audazes sobre Europa começavam a ganhar consistência na cena política internacional, Enzensberger apresenta “Wahrnehmungen aus sieben Ländern” (Impressões sobre sete países) que, de uma forma profícua e inaudita, passam despercebidas na euforia europeia – não obstante as suas ideias concretas e precisas sobre o funcionamento da União Europeia. A Europa – assim acontecerá – é, para Enzensberger, um refúgio político e poético: uma realidade que importa compreender e delinear etnologicamente.

O conceito de Europa para Enzensberger resulta de uma singular e insólita experiência da sua maneira de estar no mundo. Nos anos 60, como defensor de uma teoria que exigia a responsabilidade do comportamento político a nível mundial, Enzensberger travaria acções e lutas ideológicas pelo chamado “terceiro mundo”. Mas, após as suas experiências em Cuba, onde permaneceu alguns meses entre 1968 e 1969, Enzensberger considera este seu empenhamento simplesmente uma fantasia com laivos sonhadores. Os europeus projectariam as suas esperanças de revolução para países distantes sem, no entanto, conhecerem as crassas dificuldades e a dependência política e económica em que vivem os denominados “países sub-desenvolvidos”. “Eis chegada a hora de nos despedirmos de tais fanta-

Dekadenz heißt, Korruption oder Zynismus. Mit einem Wort: jeder der beiden fühlt sich über den andern weit erhaben.’ ‘Und die Wiedervereinigung?’ ‘Außer Kaffee und Kuchen nichts gewesen.’” Ibidem.

⁷ A versão portuguesa deste texto de Enzensberger, com um prefácio do escritor Almeida Faria, nunca viria a editar-se. Cf. Almeida Faria, “Heiliges Portugal” in *Zeitschrift für Kulturaustausch* 1994/2, pp.153-155.

sias”⁸ escreve Enzensberger, em 1980, no seu ensaio “Eurocentrismus wider Willen” (Eurocentrismo contra vontade). E como se já intentasse justificar as viagens feitas mais tarde pela Europa, Enzensberger formula: “A partir deste momento contamos apenas connosco. Não há mais nenhum Tahiti em vista, nem Serra Leoa, nem Sioux, nem Marcha Longa. A ideia de salvação, se é que ainda haverá, temos de ser nós a concebê-la.”⁹

As viagens que Enzensberger irá empreender pela Europa depõem todas as esperanças nesta ideia de salvação. Certamente não se trata, a seu ver, da ideia de uma Europa una, nem de uma *Abendland* ou de uma visão dos “Estados Unidos da Europa”. Em contrapartida, o que o preocupa é a percepção da diversidade que, através de sonhos, ideias ou visões de unidade, sempre fora mais ameaçada do que fomentada. Segundo a sua perspectiva importa esboçar a variedade das identidades culturais, reconhecendo o disperso, a intratável ordem, o ocasional, o anacrónico, os motins internos, as digressões, as cogitações – numa palavra, a completa aceitação do diferente. Homogeneidade não é um objectivo, mas um perigo: quer seja uma americanização da sociedade europeia ou uma japonização da Europa,¹⁰ quer seja o conformismo de uma ordem social socialista, quer seja o fundamentalismo de carácter religioso, ou ainda o assaz fechado eurocratismo da burocracia de Bruxelas.

“A confusão, a intranquilidade, o desgoverno é a nossa única oportunidade, pois a desunião fortalece”.¹¹ Com esta frase de vertentes anarquistas, Enzensberger definiu a fórmula pregnante para o seu conceito de Europa. A diversidade, o singular, sim a “confusão” são os símbolos da ideia de Europa que Enzensberger desenvolveu. Cogitações portuguesas ao lado de digressões italianas, anacronismos noruegueses junto de acasos polacos, fragmentos espanhóis ao lado de motins húngaros. Colorida é, pois, a paleta da identidade europeia. Enzens-

⁸ “Es wird Zeit, von solchen Träumen Abschied zu nehmen”. Hans Magnus Enzensberger, “Eurocentrismus wider Willen” in H.M.E., *Politische Brosamen*, Frankfurt/M., 1982, pp. 31-52, aqui, p. 52.

⁹ “Von nun an sind wir auf uns selber angewiesen. Kein Tahiti ist mehr in Sicht, keine Sierra Maestra, keine Sioux und kein Langer Marsch. Den rettenden Gedanken, falls es so etwas geben sollte, müssen wir selber fassen.” Ibidem.

¹⁰ Cf. Hans Magnus Enzensberger, “Brüssel oder Europa - eins von beiden” in H.M.E., *Der Fliegende Robert. Gedichte, Szenen, Essays*. Frankfurt/M., 1989, pp. 117-125, aqui, p. 124.

¹¹ “Der Wirrwarr, die Unruhe, die Unregierbarkeit ist unsere einzige Chance, Uneinigkeit macht stark.” “Eurocentrismus wider Willen”, op. cit., p. 52.

berger coloca na boca de um dos seus protagonistas uma citação de Jacob Burckhardt: “Cada tendência niveladora, seja política, religiosa ou social, é um perigo de vida para o nosso continente. O que nos ameaça é a unidade forçada, a homogeneidade; o que nos salva é a nossa diversidade.”¹²

A diversidade é, assim, a salvação, visto que cada país poderá oferecer outros exemplos de actuação, outras vantagens que definam elogiosamente o seu carácter específico. Itália, por exemplo, já há muito nestas andanças, fornecerá certas experiências das quais muito se poderá aprender para o futuro dado que os italianos são “especialistas da crise, trabalhadores especializados das derrocadas”.¹³

E a Polónia. “Os polacos”, escreve Enzensberger “são um pouco como os italianos, eles sabem desembaraçar-se.”¹⁴ Dirigindo-se a um amigo na cidade de Lodz, o protagonista assegura: “que a Europa precisa da Polónia. ‘Até os vossos erros são urgentemente necessários’ gritei. ‘O que é a Europa mais do que um conglomerado de erros? Erros, que são tão diversos que se completam e balançam. Se formos a ver, somos todos insuportáveis. Cada um à sua maneira. Olhem bem para os suíços, ou para os gregos! Sem falar dos alemães!’”¹⁵

Ou Portugal: “O que os portugueses defendem, por vezes, silencioso e involuntário mas sempre tenazmente, não é nenhum bem material: são os seus desejos; é o que, portanto, ninguém possui. Este povo encarnou a crítica da razão. Suponhamos que a política seria mais do que o armamento e a produção; suponhamos que existiria uma Europa dos desejos, então Portugal seria nessa Europa dos desejos, não um apêndice periférico, mas uma grande potência e, como todas as

¹² “Jede nivellierende Tendenz, sei sie politisch, religiös oder sozial, ist für unseren Kontinent lebensgefährlich. Was uns bedroht, ist die Zwangseinheit, die Homogenisierung; was uns rettet ist unsere Vielfalt.” *Ach Europa!*, op. cit., p. 482. Veja-se também Jürgen Haupt, “Die Verteidigung des ‘Kuddelmuddel’. Enzensbergers Spätwerk. Über Kleinbürgertum, Fortschritt und Individualität” in *Literatur für Leser* (1991), 3, pp. 129-146.

¹³ “Experten der Krise, Facharbeiter des Zusammenbruchs”; *Ach Europa!*, op. cit., p. 110.

¹⁴ “Die Polen sind ein bißchen wie die Italiener, sie verstehen sich durchzumogeln.” *Ach Europa!*, op. cit., p. 365.

¹⁵ “[...] daß Europa Polen braucht. ‘Sogar eure Fehler werden dringend benötigt’, rief ich. ‘Was ist Europa anderes als ein Konglomerat von Fehlern? Fehlern, die so verschieden sind, daß sie einander ergänzen und ausbalancieren. Für sich betrachtet, sind wir alle unerträglich. Jeder auf seine Art. Schaut euch doch die Schweizer an, oder die Griechen! Von den Deutschen ganz zu schweigen.’” *Ach Europa!*, op. cit., p. 378.

grandes potências, iria enervar os seus vizinhos e também enchê-los de inveja.”¹⁶

São, com efeito, estas observações e impressões que distinguem a imagem da Europa formulada por Enzensberger da do discurso dos políticos. Se o debate político se debruça e conjectura sobre os interesses comuns dos povos europeus, Enzensberger acentua a diferença. Distinguindo os povos europeus numa colorida diversidade, o seu projecto traz uma nova qualidade à definição de Europa. A capacidade de reconhecer crises, a necessidade de dialogar ceptica e criticamente com o racionalismo e a qualidade de acolher erros e desejos como produtivos elementos da cultura europeia, são algumas coordenadas para a unidade europeia que Enzensberger contrapõe às normas directivas de Bruxelas. Mas não só nestes aspectos, o conceito de Enzensberger é mais rico e até mais “realístico” que uma nivelização eurocrática. Enzensberger mostra já nos anos 80 uma Europa, cujos limites se alastram até à Suécia e a Noruega ou a Hungria e a Polónia. O autor chama, assim, a atenção para aspectos que na época da Cortina de Ferro mal seriam reconhecidos, mas que hoje determinam manifestamente a discussão política da União Europeia.

A ideia de Europa de Enzensberger não é, apenas, um capricho etnográfico. Ela é, na verdade, uma junção de disposições marcantes, várias vezes anotadas nos seus ensaios e poemas. O sentido do imprevisito, do absurdo, desordenado é, precisamente, o que lhe permite compreender o que se passa na realidade. Esta era, sem dúvida, a postura de Enzensberger nos anos 80. Já nessa altura ele se tinha despedido

¹⁶ “Was die Portugiesen verteidigen, manchmal dumpf und unwillkürlich, aber immer zäh, ist kein Besitzstand; es sind ihre Wünsche; es ist mithin das, was niemand besitzt. Die Vernunftkritik ist in diesem Volk Fleisch geworden. Nehmen wir an, Politik wäre mehr als Rüstung und Produktion; nehmen wir an, es gäbe ein Europa der Wünsche, so wäre Portugal, in diesem Europa der Wünsche, kein peripheres Anhängsel, sondern eine Großmacht, und wie alle Großmächte würde es seine Nachbarn enervieren, aber auch mit Neid erfüllen.” *Ach Europa!*, op. cit., p. 232. Uma tradução reduzida de “Portugiesische Grübeleien” (Cogitações portuguesas) veio a lume sob o título “As Virtudes Arcaicas dos Portugueses” in *Diário de Notícias*, 22.2.1987, artigo este que gerou grande polémica. Veja-se, por exemplo, Teresa Rodrigues Cadete, “Os Labirintos Lusitanos de Razão: Entre H. M. Enzensberger e E. Lourenço” in *Aspectos da História Luso-Alemã. Associação Luso-Alemã para a Ciência e Cultura. Actas de um Encontro*, Lisboa, 1991, pp. 79-87 e a entrevista de Enzensberger in *Leituras & Sons, Público*, 1.6.1996. Ressonâncias ao texto de Enzensberger encontram-se ainda em Boaventura de Sousa Santos, “Onze Teses por Ocasão de mais uma Descoberta de Portugal” in B.S.S., *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, 1994, pp. 49-67, aqui, p. 49.

dos tempos da revolução para se dedicar às pequenas coisas do dia a dia, para aprofundar as singularidades e características dos diferentes povos e nações. Nas pequenas coisas, é que Enzensberger via desenhadas as grandes linhas do futuro.

O livro de poesia *Zukunftsmusik* (Música do Futuro) datado de 1991 retoma muitos dos temas e motivos dos ensaios, bem como dos poemas anteriores. Também neste livro podemos observar como Enzensberger se afastou das utopias revolucionárias dos anos 60. Já não é a alteração radical das maneiras de estar no mundo que define os seus poemas. Pelo contrário. Tal como reconhece a necessidade da diversidade na construção da Europa, também são as muitas e variadas pequenas coisas que estruturam os seus poemas. No lugar de um benéfico e utópico modelo aparece a insistência das experiências práticas e diárias. Assim, num poema sobre Cuba e Fidel Castro intitulado “Alte Revolution” (Velha Revolução) escreve:

Im Gemurmel der tropischen Maiandacht
fallen der Geschichte die Augen zu.
Nur die Sehnsucht nach Zahnpasta,
Glühbirnen und Spaghetti
liegt schlaflos da zwischen feuchten Laken.¹⁷

No murmurinho das trópicas devoções de Maio
fecham-se os olhos da história.
Só a saudade de pasta de dentes,
de lâmpadas e de esparguete
fica acordada entre os lençóis húmidos.

A imagem da “Alte Revolution” retoma a experiência que Enzensberger fizera em Cuba nos anos 60. São assim as necessidades concretas e reais que se opõem aos grandes esboços. A saudade de pasta de dentes sobrepõe-se a uma outra saudade de que nos fala a estrofe seguinte. Esta velha saudade não vê as realidades nem os interesses do dia a dia. E com ela Fidel Castro, um representante de uma ilusionária ideia política, pertence a uma história que se tornou passado:

Sehnsüchtig sucht der greise Krieger
den Horizont ab nach einem Angreifer.
Aber die Kimm ist leer. Auch der Feind
hat ihn vergessen.

¹⁷ Hans Magnus Enzensberger, “Alte Revolution” in H.M.E., *Zukunftsmusik*, Frankfurt/M., 1991, pp. 49-50.

O velho guerreiro percorre saudoso
o horizonte em busca de um agressor.
Mas a mira está vazia. Até o inimigo
o esqueceu.

Neste contexto as saudades tornam-se mais caseiras, mais simples e as perspectivas mais concretas. *Zukunftsmusik* não é um hino, nem mesmo um requiem. “Aquela [música], que não podemos aguardar,/ nos ensinará”. Versos como este inseridos no poema que dá o título ao livro falam de uma nova postura assim paciente no que respeita ao futuro. Calmo, sereno, descansado. No final do poema lê-se:

War nicht,
ist nicht für uns da,
ist nie dagewesen,
ist nie da,
ist nie.¹⁸

Nunca estava,
não está lá para nós,
nunca lá estive,
nunca está lá,
nunca está.

Neste sentido, “Zukunftsmusik”, não se transfere para um tempo futuro, fica-se pelo presente: comedidamente naquilo que importa conhecer hoje em dia. Daí que em Enzensberger não nos surpreenda mais o jovem herói ou o guerreiro. Pelo contrário, encontramos “Helden des Rückzugs” (Os Heróis da retirada), os “Facharbeiter der Demontage”¹⁹ (Trabalhadores especializados do desmantelamento), que não pretendem construir um futuro às cegas. São estes que lentamente se afastam do mundo dos sistemas ideológicos: “Figuren des Übergang” (Figuras da transição) ou administradores de falências desde János Kádár, Adolfo Suárez até Michail Gorbatschow.

São estas também as disposições que nos esclarecem as intervenções políticas mais recentes de Enzensberger. A ideia de salvação,

¹⁸ Hans Magnus Enzensberger, “Zukunftsmusik” in *Zukunftsmusik*, op. cit., p. 115.

¹⁹ Hans Magnus Enzensberger, “Die Helden des Rückzugs. Brouillon zu einer politischen Moral der Entmachtung” in *Sinn und Form* 42 (1990), 3, pp. 579-584. Veja-se também Hans Magnus Enzensberger, “Erbarmen mit den Politikern. Eine Handreichung” in *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 5.9.1992.

que o autor ambicionava encontrar na Europa, irá ser abalada com o rebentar da guerra na Jugoslávia e com o despertar de movimentos nacionalistas na Alemanha, como o poderemos testemunhar no seu ensaio *Aussichten auf den Bürgerkrieg* (Perspectivas para uma guerra civil) de 1993. Perante a guerra na Jugoslávia e a ameaça contínua de situações conflituosas na Europa, Enzensberger vê em perigo o consenso mínimo de estabilidade para a vida humana, ou seja, a base fundamental e necessária para o convívio entre os homens e os povos. Como formula no ensaio, *Die Große Wanderung* (A grande Migração) de 1992, este consenso mínimo necessário para a vida humana, significa:

“Que qualquer pessoa possa expressar a sua opinião sobre o estado ou sobre o deus abençoado sem que se seja torturado ou ameaçado de perigo de vida; que as diferenças de ideias sejam resolvidas em tribunais e não em sangrentas disputas vingativas; que as mulheres se possam movimentar livremente e não sejam obrigadas a se vender ou a se circuncidar; que se possa atravessar a rua sem se ser surpreendido pelas metralhadoras de uma soldadesca em fúria; tudo isto não é só agradável como imprescindível. Em toda a parte do mundo há gente suficiente, provavelmente, a maioria, que desejam condições como estas e que ali, onde existem, estão dispostos a defendê-las. Sem exagerada ênfase poder-se-á dizer que se trata do mínimo civilizacional.”²⁰

Num poema do livro *Zukunftsmusik* este mínimo civilizacional aparece retratado como “episódio” singular:

Du gehst aus dem Haus, und nur
in den seltensten Fällen spaltet dir
eine Axt den Schädel, nur gelegentlich
werden Stiefel geleck,
gegen alle Wahrscheinlichkeit
läufst du frei herum, und all
diese Wunder wundern dich nicht.

²⁰ “Daß jedermann aussprechen kann, was er von der Macht im Staat oder vom lieben Gott hält, ohne gefoltert und mit dem Tod bedroht zu werden; daß Meinungsverschiedenheiten vor Gericht und nicht auf dem Weg der Blutrache ausgetragen werden; daß Frauen sich frei bewegen dürfen und nicht gezwungen sind, sich verkaufen oder beschneiden zu lassen; daß man die Straße überqueren kann, ohne in die MG-Garben einer wildgewordenen Soldateska zu geraten; all das ist nicht nur angenehm, es ist unerlässlich. Überall auf der Welt gibt es genügend Menschen, vermutlich die meisten, die sich solche Zustände wünschen und die dort, wo sie herrschen, bereit sind, sie zu verteidigen. Ohne die Emphase zu weit zu treiben, wird man sagen können, daß es sich um das zivilisatorische Minimum handelt.” Hans Magnus Enzensberger, *Die Große Wanderung. Dreiunddreißig Markierungen. Mit einer Fußnote “Über einige Besonderheiten bei der Menschenjagd”*, Frankfurt/M., 1992, p. 65.

Unheimlich. Normal. Ein Jammer.
Du merkst nicht, daß du nichts merkst.²¹

Saies de casa, e só
muito raramente um machado
te separa o crânio, só às vezes
lambem-se as botas,
ao contrário de todas as probabilidades
andas em liberdade, e todas
estas supresas não te surpreendem.

Incrível. Normal. Uma lástima.
Tu não vês, que nada vês.

Enzensberger vê então ameaçado o mínimo imperceptível; o precioso milagre está em perigo devido a um recente e bem sucedido fundamentalismo de violência. No lugar das utopias estão dogmas, vazios mas poderosos e, por isso, determinantes de uma falsa dinâmica que se instaura ardilosa e agressivamente em todas as realidades: “um vazio intelectual que se deixa preencher em qualquer fragmento advindo da respectiva tradição”.²² O sinal de alerta expresso por Enzensberger não se dirige única e simplesmente à situação concreta da Guerra na Jugoslávia. A sua chamada de atenção vai mais longe, pondo em questão a realidade antropológica, cuja desgraça ganha conjuntura mundial: as agressões vãs e sem sentido que, a seu ver, ameaçam o mínimo civilizacional. Tendo em consideração estas agressões vãs, Enzensberger define ex negativo uma imagem da ameaça e da crise. A violência instaura-se, a seu ver, por toda a parte. Exemplos para isso encontra Enzensberger em todo o mundo, quer seja na Jugoslávia, em Angola ou em cidades alemãs, como Mölln. Para o autor a população de armas na mão transforma quase todo o mundo numa guerra civil. Tendo em conta esta guerra civil universal, urge reformular velhas questões antropológicas.²³ Segundo o escritor alemão o que ressalta destes conflitos actuais “é a falta de convicções”.²⁴ Na verdade, as guerras civis da

²¹ Hans Magnus Enzensberger, “Episode” in *Zukunftsmusik*, op. cit., pp. 88-89.

²² “[...] ein intellektuelles Vakuum, das sich dann mit beliebigen Versatzstücken aus der jeweiligen Tradition auffüllen läßt”. Hans Magnus Enzensberger, “Hitlers Wiedergänger”, in *Der Spiegel*, 4.2.1991.

²³ Cf. Hans Magnus Enzensberger, *Aussichten auf den Bürgerkrieg*, Frankfurt/M., 1993, p. 11.

²⁴ “[...] ist das Fehlen aller Überzeugungen”; *ibidem*, p. 35.

actualidade – na Jugoslávia, nas ruas da Alemanha ou no fundamentalismo muçulmano – nada têm a ver com convicções, mas, como o autor as chama, com “edições fac-símiladas”.²⁵ Isto é, e seguindo as suas palavras: “O que transfere uma nova e inquietante qualidade à guerra civil do presente é o facto de que ela seja conduzida sem qualquer empenho, dado que, literalmente, nada está em jogo.”²⁶

Os diagnósticos de Enzensberger são sombrios: “Num mundo de bombas errantes resta só uma única utopia negativa – o mito original de Hobbes sobre a luta de todos contra todos.”²⁷ Fala-nos das velhas teorias do *Homo homini lupus* e do mito de Sisifo. Eis talvez a maior surpresa na evolução do pensamento de Enzensberger: a ressurreição do herói do existencialismo. A pesada pedra que Sisifo tem de rolar sempre até ao cimo da montanha, esta pedra é, para Enzensberger, a paz. Na luta contra o medo, concluiu Albert Camus no romance *La peste*, os homens que “não podem ser santos [...] esforçam-se por ser médicos”.²⁸ Por sua vez, Enzensberger escreve que “Pelo menos no dia do cansaço total, quando a terra estiver em ruínas [...] vão aparecer os verdadeiros heróis da guerra civil. [...] Depois da batalha na rua chegam os vidreiros, depois dos assaltos dois homens reinstalam, com alicates e cabos, o telefone numa cabina devastada. Médicos de urgência trabalham toda a noite para salvar os sobreviventes que enchem as clínicas. A persistência destes homens assemelha-se a um milagre. Eles sabem que não podem pôr o mundo em ordem. Só um canto, um telhado, uma ferida.”²⁹

“Eles sabem que não podem pôr o mundo em ordem”. As perspectivas de Enzensberger quanto ao futuro são humildes e, por

²⁵ “[...] mit deren Faksimiles”; *ibidem*, p. 25.

²⁶ “Was dem Bürgerkrieg der Gegenwart eine neue, unheimliche Qualität verleiht ist die Tatsache, daß er ohne jeden Einsatz geführt wird, daß es buchstäblich *um nichts geht*.” *Ibidem*, p. 35.

²⁷ “In einer Welt, durch die lebende Bomben irren, bleibt nur eine negative Utopie übrig - der Hobbessche Urmythos vom Kampf aller gegen alle.” *Ibidem*, p. 36.

²⁸ “[...] tous les hommes qui, ne pouvant être des saints [...], s’efforcent cependant d’être des médecins.” Albert Camus, *La peste*, Paris, 1980, p. 279.

²⁹ “Spätestens am Tag der totalen Erschöpfung, wenn also das Land in Trümmern liegt [...], treten die wahren Helden des Bürgerkriegs auf. [...] Nach der Straßenschlacht kommen die Glaser, nach der Plünderung schließen zwei Männer mit Zangen und Kabelenden das Telefon in der verwüsteten Zelle wieder an. Notärzte arbeiten die Nacht hindurch, um in überfüllten Kliniken Überlebende zu retten. Die Beharrlichkeit dieser Menschen gleicht einem Wunder. Sie wissen, daß sie die Welt nicht in Ordnung bringen können. Nur eine Ecke, ein Dach, eine Wunde.” *Aussichten auf den Bürgerkrieg*, *op. cit.*, pp. 91-92.

pouco, repletas de desespero. Europa já não é o exemplo da ambicionada diversidade, mas o local onde paira a guerra, onde a paz exige trabalho, e o mínimo civilizacional está em perigo. Nos inícios dos anos 80, Enzensberger afirmava: “A guerra civil de vertente social tornou-se impensável nesta sociedade”.³⁰ Mas o peso das realidades dos anos 90 exigiu uma revisão desta frase. No artigo que escreveu sobre o conflito na Jugoslávia, Enzensberger afirma que só uma coisa poderá acabar com a guerra civil: o esgotamento.³¹ Poderá soar a cinismo, é, todavia, o lado assombrado do conhecimento. É a tentativa de pensar sobre o presente, quando não se descortina nenhuma ideia de salvação. Numa autoreflexão crítica, o escritor não aborda “as fantasias de onipotência moralista”³² nem as visões dos vindouros, mas aquilo que existe e que se deve defender, aqui e agora. Já não se trata de um princípio, mas de uma prática diária. A ideia de salvação, tal como Enzensberger a formulara, essa teremos de ser nós a concebê-la – assim partira pela Europa em busca da diversidade, de aporias salvadoras, erros e crises. Mas agora diz “*Hic Rhodus, hic salta! First things first.* Por toda a parte há fogos em frente da própria casa”.³³ Por enquanto, não se encontra nenhuma ideia de salvação.

O livro de poesia de Enzensberger intitulado *Kiosk* (Quiosque) que veio a lume no ano de 1995 traduz esta experiência de violência e guerra no mundo. Vejamos o poema sob o título “A guerra, como”:

Er glitzert wie die zerbrochene Bierflasche in der Sonne
an der Bushaltestelle vor dem Altersheim
[...]
Er röhr wie die Rede des Vorsitzenden
Er bläht sich wie die Fatwah im Munde des Ajatollah

³⁰ “Der soziale Bürgerkrieg ist für diese Gesellschaft unvorstellbar geworden.” Hans Magnus Enzensberger, “Mittelmaß und Wahn. Ein Vorschlag zur Güte” in H.M.E., *Mittelmaß und Wahn. Gesammelte Zerstreungen*, Frankfurt/M., 1988, pp. 250-276, aqui, p. 260.

³¹ Hans Magnus Enzensberger, “Bosnien. Uganda. Eine afrikanische Ansichtskarte” in *Europa im Krieg. Die Debatte über den Krieg im ehemaligen Jugoslawien*, Frankfurt/M., 1992, pp. 85-90.

³² “[...] moralischen Allmachtsphantasien”; *Aussichten auf den Bürgerkrieg*, op. cit., p. 86.

³³ “*Hic Rhodus, hic salta! First things first.* Überall brennt es vor der eigenen Haustür.” *Ibidem*, p. 91.

Er zirpt wie das Videospiel auf der Diskette des Schülers
Er funkelt wie der Chip im Rechenzentrum der Bank

Er breitet sich aus wie die Lache hinter dem Schlachthof³⁴

Ela brilha como uma garrafa de cerveja quebrada ao sol
na paragem do autocarro em frente do lar de idosos
[...]

Ela berra como o discurso do presidente
Ela avoluma-se como a Fatwah na boca do Ajatollah

Ela chia como o filme de vídeo na disquete do aluno
Ela cintila como o Chip no centro informático do banco

Ela espalha-se como a poça atrás do matador de animais

Nestes versos reconhecemos as ameaças e os perigos que Enzensberger já tinha descrito em ensaios anteriores: a violência nas ruas (“na paragem do autocarro”), a violência do fundamentalismo do “Ajatollah”, a ameaça incontrolável da técnica em disquetes e Chips.

Num outro poema Enzensberger alude às agressões a indefesos, como os fogos postos a asilos, notícia assustadora e, infelizmente, frequente nos jornais alemães dos últimos anos. Intitulado “Privilegierte Tatbestände”³⁵ (Causas privilegiadas), o poema resulta de uma simples ideia: a de que é proibido deitar fogo a pessoas. Como este facto se articula e incorpora na linguagem do dia a dia e como, pouco a pouco, perde o seu verdadeiro sentido é o tema dos versos seguintes. No final o indiscutível facto moral tornou-se uma questão de formulários e de adequadas repartições ministeriais: o natural já não é mais natural. A frase inicial surge então transfigurada no seu oposto: “ninguém é obrigado” a deitar fogo a pessoas.

³⁴ Hans Magnus Enzensberger, “Der Krieg, wie” in H.M.E., *Kiosk. Neue Gedichte*, Frankfurt/M., 1995, p. 8.

³⁵ Hans Magnus Enzensberger, “Privilegierte Tatbestände” in *Kiosk*, op. cit., pp. 10-11. Numa sessão de leitura com Enzensberger, organizada pela Casa Fernando Pessoa e o Goethe-Institut de Lisboa (4.6.1996), Vasco Graça Moura apresentou uma tradução inédita deste e de mais poemas do livro *Kiosk*: “Altes Europa”, “Russischer Abschied”, “Polaroid, zerfließend”, “Minimalprogramm”, “Sich selbst verschluckende Sätze”, “Die Visite” e “Kiosk” (este último e a tradução do poema “Der Geist des Vaters” publicados in *Jornal de Letras*, 22.5.1996 e 19.6.1996). Nesta ocasião foram também lidas novas traduções de alguns poemas da antologia *Zukunftsmusik* por Almeida Faria: “Chinesische Akrobaten”, “Altes Ehepaar”, “Gedankenflucht”, “Langwierige Obliegenheit” e “Vierte Symphonie, Coliseu dos Recreios, Lissabon” (este último também publicado in *Jornal de Letras*, 22.5.1996).

O poema refere, num dos versos, um argumento que depois dos atentados violentos de xenofobia se ouvia repetidamente: “Tendo em consideração a imagem da República Federal da Alemanha no estrangeiro”³⁶ devem ser condenados todos estes actos de violência. Enzensberger atribui a este argumento, em particular, uma *nota bene como nota de rodapé*: “A quem verter este texto para outra língua, pede-se que no lugar de República Federal da Alemanha coloque, a título de experiência, a designação oficial do seu país. A nota de rodapé deve manter-se na tradução”.³⁷ Possivelmente Enzensberger considera que não é um problema específico da Alemanha, pelo que pede ao tradutor para ter em atenção as realidades locais. Mas – e isso também é o que nos diz a nota – que as circunstâncias da Alemanha são só em regime experimental vertidas para outros países e se esta nota deve manter-se na tradução, então ela fará lembrar a sua origem. Isto é: um país onde a violência e a frieza se tornaram lugar-comum no dia a dia.

Estas imagens tão desanimadoras e perturbantes são, todavia, apenas uma das vertentes estéticas e morais da poesia de Enzensberger. Na verdade, na sua obra lírica poderemos ainda encontrar o poeta que não se deixa assustar e desarmar pelos medos e terrores coevos. Daí que se possa sentir quase uma serenidade estoica – atento e sem receio como no poema “Sitzstreik” (Greve de assento):

Der Buddha nimmt die Beine in die Hand.
Der Eilbote zockelt hinterdrein.
[...]
Die Rakete hinkt.
Die Ewigkeit setzt zum Endspurt an.

Ich rühre mich nicht.³⁸

O Buda segura nas mãos as pernas.
O correio expresso anda atrás.
[...]
O foguetão coxeia.
A eternidade prepara-se para a recta final.

Eu não me mexo.

³⁶ “Rücksicht auf das Ansehen der Bundesrepublik Deutschland im Ausland”.
Ibidem.

³⁷ “Wer diesen Text in eine andere Sprache überträgt, wird gebeten, an Stelle der Bundesrepublik Deutschland versuchsweise die offizielle Bezeichnung seines eigenen Landes einzusetzen. Diese Fußnote sollte auch in der Übersetzung stehenbleiben.”
Ibidem.

³⁸ Hans Magnus Enzensberger, “Sitzstreik” in *Kiosk*, op. cit., p. 51.

Este novo Enzensberger quedo e sereno é o que importa descobrir. Se calhar, o jovem revolucionário³⁹ que entrou no palco literário dos anos 50, envelheceu. Mas ainda haverá muito para aprender com este respeitável senhor, como seja com a sua vigilância apesar de todas as ameaças, apesar de todas as perdas, de todas as violências e de todas as guerras. Se, porventura, o mundo está em mudança e o futuro parece inseguro, Enzensberger não reage com raiva, nem mesmo com dureza ou teima, antes, pelo contrário, com gratidão. Eis uma surpreendente e nova postura, talvez a única possível para persistir neste mundo de guerra civil. Neste contexto, a mensagem poética do poema “Empfänger unbekannt – Retour à l’expéditeur” é: chamar a atenção para o valor da vida na sua modéstia, no seu dia a dia e nos pequenos desafios e alegrias – apesar de tudo:

*Empfänger unbekannt -
Retour à l’expéditeur*

Vielen Dank für die Wolken.
Vielen Dank für das Wohltemperierte Klavier
und, warum nicht, für die warmen Winterstiefel.
Vielen Dank für mein sonderbares Gehirn
und für allerhand andre verborgne Organe,
für die Luft, und natürlich für den Bordeaux.
Herzlichen Dank dafür, daß mir das Feuerzeug nicht ausgeht,
und die Begierde, und das Bedauern, das inständige Bedauern.
Vielen Dank für die vier Jahreszeiten,
für die Zahl e und für das Koffein,
und natürlich für die Erdbeeren auf dem Teller,
gemalt von Chardin, sowie für den Schlaf,
für den Schlaf ganz besonders,
und, damit ich es nicht vergesse,
für den Anfang und das Ende
und die paar Minuten dazwischen
inständigen Dank,
meinetwegen für die Wühlmäuse draußen im Garten auch.⁴⁰

³⁹ Cf. Alfred Andersch, “1 (in Worten: ein) zorniger junger Mann” in Reinhold Grimm (Ed.), *Hans Magnus Enzensberger. suhrkamp taschenbuch materialien*, Frankfurt/M., 1984, pp. 59-63.

⁴⁰ Hans Magnus Enzensberger, “*Empfänger unbekannt - Retour à l’expéditeur*” in *Kiosk*, op. cit., p. 124.

Destinatário desconhecido -
Retour à l'expéditeur

Muito obrigado pelas nuvens.
Muito obrigado pelo bem temperado cravo
e, porque não, pelas quentes botas de inverno.
Muito obrigado pelo meu insólito cérebro
e pelos muitos outros órgãos ocultos,
pelo ar e, naturalmente, pelo Bordeaux.
Muitíssimo obrigado para que não me acabe o lume no isqueiro,
e a curiosidade e o pesar, o insistente pesar.
Muito obrigado pelas quatro estações,
pelo número e e pela caféina,
e naturalmente pelos morangos no prato,
pintados por Chardin, tal como pelo sono,
pelo sono muito em especial,
e, para não esquecer,
pelo princípio e pelo fim,
e os poucos minutos pelo meio
em insistente agradecimento,
cá por mim também pelas toupeiras lá fora no jardim.